

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO
FRANCISCO GUIMARAES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Série de 18 n.ºs isenptos de cobrança
postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200 >REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.ºOfficina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Anuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade, nem se restituem
os authographos, quer ou não
sejam publicados.

O SEGUNDO ANNIVERSARIO DA «FRATERNIDADE» E O NOSSO BRINDE

Por espirito de rotina dedicamos o nosso artigo editorial de hoje á passagem do segundo anniversario da fundação da «Fraternidade».

Não ha motivos para regosijo, nem razão para carpir máguas. A má ideia que ha muito tinhamos formado da classe teve, n'estes dous annos decorridos, uma confirmação plena e uma indeluctivel e clara manifestação do que é o sentimento colectivo entre nós.

Basta de illusões e chiméras futeis: sem uma educação nova e mais moderna, sem mandar para a escola de instrucção primaria os *meninos prodigos* que escrevem para a chainada imprensa da classe, a situação ha-de ser má, sempre deprimente, declaradamente prejudicial para todos. Não ha da nossa parte intento de ferir alguém: ha o desejo, que ninguem póde querer dominar, de accentuar para sempre, que chegamos á ultima étape da falta de dignidade, de criterio, de bom senso, de brio; que alcançamos a meta da ignorancia e da parvoice; que ha tantos annos a trabalhar ardentemente ainda desconhecemos a acção que realisa o collectivismo.

O que é a nossa classe? Salvo honrosissimas excepções, é um exercito de enfatuados, de presumptuosos, de zoilos, de ignorantes. Atribulamos o nosso espirito com canceiras demasiadas; gastamos parte do miserio salario que usufruimos do nosso labor continuo com um jornal que defendia os interesses da classe inteira; atormentamos a nossa mocidade com preocupações diversas, mas todas referentes ao nosso pensamento unico—o jornal. Qual é a compensação no final de dois annos? A inutilidade do nosso trabalho mental, a desnecessi-

dade de dispender dinheiro que nos custou muitas bagas de suor, e vêr agora, na mesa dismantelada que temos na nossa frente, *cento e vinte e um recibos devolvidos*, que representam a elevada quantia de *sessenta mil e quinhentos reis!!!*

Repugna-nos olhar para esses recibos, que são a sentença formal que extingue a «Fraternidade». Compulsando-os todos, sente-se tédio e vergonha: são os diplomas mais humilhantes que podiam ferir caracteres sinceros e immaculados. Desviemos d'ahi a vista e descrevamos o que são dois annos de vida jornalística. Dois annos! Quem não sabe praticamente o que é a imprensa não póde formar uma ideia vaga do que é esse immenso mar de tormentos e essa incomensuravel torre de vaidade, onde tantas inutilidades se pavoneiam. O primeiro anno foi um cahos: um dia com esperanças de vida desafogada, outro dia cheio de duvidas, de incertezas, de dolorosas alternativas. Esse anno, todavia, passou celere e com elle fugiu a primeira utopia. Com que alegria nós saudamos o primeiro numero da «Fraternidade»! O primeiro numero produziu em nós o effeito de uma faísca: ateou o fogo do enthusiasmo e da crença pelo bom resultado dos nossos esforços. Lentamente, o enthusiasmo foi esmorecendo e o sectarismo, que nos cegava, pela causa sublime que nos propuzemos defender foi tambem perdendo vida. No fim de dois annos, hoje, restamos a descrença completa, a desillusão mais amarga que é possivel imaginar-se. De esse programma concreto e positivo, que custosamente elaboramos de baixo das censuras de muitos, ha-de apenas ficar uma ideia pálida, um resumo limitadissimo do muito que era preciso realisar.

A' data do primeiro anniversario da «Fraternidade» escrevemos um artigo manifestando o protesto da nossa alma contra o caminho errado que a classe trilhava. O de hoje, segundo anniversario da «Fraternidade», nem é de protesto, nem de cruel ironia: é de desalento, de tristeza, de profundo pesar pelas occorrencias a que assistimos, pelas indignidades que nos affrontam o nosso brio de caixeiros e nos lesam a bolsa de assalariados. Lançemos ao vento esses cento e vinte e um recibos devolvidos e que elles sirvam, ao menos, de brinde e utilidade ao primeiro arrematante de lixo, que hoje passar pela nossa rua!

Descanso semanal

O projecto de lei que o deputado sr. Carlos Lopes apresentou ha dias na camara dos deputados, carece de emendas e de cuidada redacção, para evitar que os menos escrupulosos lancem mão das *portas falsas* ou casos omisos para deixarem de cumprir as suas disposições.

Mas não somos nós, os inexperientes em assumptos legislativos e sem auctoridade para revisar o trabalho de quem possui outro talento e outra competencia, que tenhamos pretensões a apresentar emendas ao referido projecto de lei.

A commissão que sobre o mesmo tem de dar parecer e que convenientemente o ha-de estudar, e que é composta de homens de talento e de grande pratica legislativa, como são os srs. drs. Affonso Costa, Antonio Cabral, Teixeira d'Abreu, Aristides Motta, Martins de Carvalho, Cabral Moncada, Abreu Lima, Vieira Ramos e Manoel Duarte, que todos conhecem as disposições que são precisas a uma lei que tenha de impôr-se e obrigar o patronato commercial e industrial a conceder ao empregado um dia de folga em cada semana, por certo não deixará de reparar as faltas do projecto e propôr á camara as precisas emendas.

O sr. dr. Vieira Ramos,

nosso illustre patricio e homem de talento e de estudo, como o tem provado sempre, e que por diversas vezes tem sido solicitado pelos caixeiros de Barcellos a patrocinar-lhes a sua causa e que sabe bem de quantos meios a gente do commercio se serve para faltar a um compromisso de honra, como é esse que se chama — encerramento convencional — ha-de empregar, temos a certeza d'isso, os seus bons meios e sua boa vontade para, com os seus illustres collegas na commissão de legislação civil, salvar os casos criminosos e suas interpretações que por ventura alguém possa dar ás disposições da lei do descanso semanal.

E, a titulo de lembrança: As Associações interessadas na promulgação d'esta lei, devem dirigir-se aos illustres membros da commissão de Legislação Civil, sollicitando-lhes os seus bons officios para o conveniente estudo ao projecto de lei e para a breve solução do assumpto.

A Associação dos Empregados de Commercio d'esta villa, dirigir-se-ha tambem ao nosso presado patricio sr. dr. Vieira Ramos, se o não tiver já feito á hora em que este artigo sahir á publicidade.

Ruidos do Lima

O projecto da lei do descanso no parlamento — O sr. João Franco cumprindo suas promessas — A nossa attitudo perante o governo — A classe em agitação — Luctar e luctar sempre.

Foi no dia 3 do corrente que o sr. dr. Carlos Lopes, illustre deputado, apresentou no parlamento o projecto de lei sobre a nossa justa aspiração, ha tantos annos reclamada do governo — o descanso dominical.

Esse projecto, confeccionado pelo mesmo senhor, contém treze artigos dos quaes alguns tem de soffrer qualquer alteração para conveniencia e proveito de qualquer entidade (patrões ou subordinados).

Junto ao projecto, ia um longo relatorio em que o seu representante declarava a urgente necessidade em tornar um facto este tão justo como sacratissimo «Ideal». Nello expunha seis bases bem fundamentaes que, para a sua comprehensão, basta passar-lhes a vista por alto.

São ellas: O descanso semanal é um direito dos que trabalham.

Vantagens do descanso sob o ponto de vista hygienico.

O descanso sob o ponto de vista social.

A riqueza publica e o descanso semanal.

Necessidade inadiavel do descanso.

Inutilidade dos esforços isolados.—Só uma lei resolverá o problema do descanso.

Consta-nos que em breve se resolverá esta nossa sympathica causa.

Oxalá que isto termine por uma vez e não continue sendo uma utopia!

—Eis o sr. João Franco cumprindo com as suas promessas.

De todos os recantos do paiz partiam vozes commovedoras e pungentes; uns, dispostos e promptos para os foguetes, outros, descrentes de todas as promessas, independentes de qualquer agitação de classe, e quasi perdendo o animo e as esperanças. Hoje, porém, talvez o numero dos crentes supplante e dos descrentes.

E porque? Não resta duvida que seja por todo este movimento que á ultima hora eccôa por todo o paiz.

Ainda ha bem poucos dias se dizia: João Franco não cumpre com o que prometeu á classe; e, afinal, já principiamos vendo os exemplos.

Pedi a Deus, confrades, que João Franco se conserve alguns mezes no poder; porque, apesar de eu não pertencer tambem ao numero dos crentes, parece-me bem que d'esta feita a coisa pega.

—E' franca e sincera a nossa attitude perante o governo.

Este, como nenhum, interessasse pela nossa justissima pretensão.

Ha bastantes annos que d'elle vimos reclamando mui pacatamente a emancipação do caixeirato portuguez; porém, até hoje, temos sido constantemente indibriados.

A nossa attitude actualmente, é como digo, franca e sincera; mas se isto fôr simplesmente para o inglez vêr, então, temos o caldo entornado.

E' de crer que não, porque nunca até á presente data se trabalhou tanto em prol das nossas aspirações como agora; no entanto, olhos abertos, não passe isto agora como **burla**.

—E' extraordinaria, indescriptivel e agitação que reina em todo o paiz a dentro da nossa infeliz classe.

E' ao Porto e Lisboa que se devem todos estes principios de batalha.

Estes, como ninguem, trabalham afanosamente pelos nossos interesses, pelas nossas regalias, e pelo que por direito nos pertence.

A causa por que ha muito propugnamos parece agora querer desenvolver-se; e, com franqueza, já não é sem tempo.

No entanto, apesar de todo este movimento, da iniciativa tomada á ultima hora, das promessas feitas á classe e ainda mesmo da apresentação ao parlamento do projecto da lei do descanso, não se pôde dizer que elle é já decretado e posto em vigor, não nos podemos sentar n'uma *fauteuil* como que já te-

nhamos vencido todos os obstaculos, arrostado com a cruz ao calvario, e agora, depois do que se acaba de passar (que para o caso nada representa) descancemos a fadiga das luctas emprendidas, dos trabalhos gastos, das forças perdidas, para mais tarde os que estão de fóra nos dizerem: *viste-lo ir!*

Não; é preciso avançar e não recuar; é preciso lutar até á conclusão do nosso *Ideal*, até o vermos um facto.

Lutar e lutar sempre, collegas, porque das luctas é que saem os triumphos!

Avante pois!

Ponte do Lima, 7—10—06

Magalhães Junior

Descanso dominical

Collegas!

O descanso dominical achase em via de ser decretado obrigatoriamente por lei. O Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Lopes, protector apaixonado das classes trabalhadoras, acaba de nos prestar um valiosissimo serviço, o qual é de apresentar no parlamento um projecto de lei, que torne o descanso dominical obrigatorio. Desde 1898 que as classes commerciaes de Lisboa e Porto, animadas por suas congéneres d'outros paizes, teem envidado todas as suas forças para conseguiremo almajado descanso. Já em tempos se falou nas camaras sobre este assumpto, supponho até que foi apresentado um projecto para o mesmo fim, mas devido á incuria dos nossos ministros, que só tratam dos seus interesses politicos, deixaram no olvido esta medida, que vinha porventura melhorar as condições actnaes das classes trabalhadoras. O sr. João Franco está no poder, e, como tem dado provas e prometido bem governar o paiz, é provavel que a nossa justa causa triumphe. Temos, pois, ao nosso lado dois fulgarantes homens da tribuna portugueza!

O sr. João Franco prometeu todo o seu valioso auxilio, para que a causa dos caixeiros e mais classes trabalhadoras seja um facto. Esperança, pois, collegas! Os caixeiros e marçanos terão depois os domingos para descansarem, refazendo-se das fadigas dos outros dias da semana.

Os patrões já não poderão obrigar os empregados a trabalharem aos domingos, e não abrirão os seus estabelecimentos para não incorrerem nas penalidades da lei!...

Graças a Deus, que os nossos homens politicos de hoje vão comprehendendo que as classes trabalhadoras, que labutam toda a semana, quantas vezes em armazens e officinas onde o ar e a luz a custo penetram, devem ter um dia de descanso; e este deve ser o domingo, porque satisfaz, melhor que nenhum outro dia, ao ponto de vista religioso, physico, e moral.

Segundo dizem sabios eminentes, o descanso é tão preciso ao homem como o sus-

tento. Só quem não tem raciocinio é que assim o não comprehenderá. Ha ainda, para maior vergonha nossa, patrões que desancam os marçanos á menor falta na pratica do seu mister, não se lembrando que os seus principios foram como os d'elles.

Isto é altamente revoltante!

Collegas caixeiros e marçanos!

Não tardará a raiar o dia em que a nossa aspiração seja um facto consummado! Nós seremos arrancados d'essas lóbregas prisões, e os patrões ficarão sabendo que o tempo de escravo já findou.

O dia em que fôr decretada a lei do descanso obrigatorio será para nós um grande acontecimento, a nossa maior alegria.

N'esse dia devemos collocar na mais alta serra a nossa bandeira, para que os inimigos do nosso Ideal a vejam cheia de magestade e victoria. Nós depois, cheios de enthusiasmo, com a alegria e prazer a trashedor do nosso coração, devemos dizer com toda a força dos nossos pulmões:

Viva o descanso obrigatorio!

Abaixo os retrógados!

Porto, 20 de Outubro de 1906.

Allypio Bernardo Cardoso.

Factos e ideias

A casa do «Ideal»

E' debeixo d'este titulo que o presadissimo collega de Lisboa «O Caixeiro», vem sustentando uma campanha cheia de energia e trashedorando de lealdade—de boa comprehensão de deveres jornalisticos e de optima orientação no ataque,—contra os proprietarios de uma casa commercial da capital que, servindo-se do direito de chefes, teem praticado os maiores abusos, os maiores vexames e as mais deshonestas explorações;—e as victimas de tudo isto, são, como bem se percebe, os caixeiros empregados n'aquella casa! De entre muitas explorações, com o conhecido intuito de terem empregados de graça, como são as multas e os regulamentos do pessoal e a que o «O Caixeiro» se tem referido, nós, como mais moderno abuso, destacamos a abertura de cartas dirigidas aos empregados, o que é um crime, mas um crime que o Cod. Penal, faz punir pelo artigo 461.º, que diz:

Aquelle que, maliciosamente, abrir alguma carta ou papel fechado de outra pessoa, será condemnado a prisão até 1 anno e multa até 3 mezes, se tomar conhecimento dos seus segredos e os revellar; a prisão até 6 mezes, se os não revellar, e a prisão até 3 mezes se nem os revelar nem d'elles tomar conhecimento, tudo sem prejuizo das penas do furto, se houverem logar.

E' este o artigo do Cod. Pen. applicavel aos exploradores acima referidos: e urge

que os vexados dêem um exemplo de energia e de vingança, para que estes factos não só se não repitam, como tambem não sejam imitados por outros.

Louvamos «O Caixeiro» pela brilhante e honrosa attitude tomada, que é de aberto ataque aos donos da casa do Chiado, que tão maus exemplos vêem dando ao povo honesto e digno da consideração publica!

Entrem, senhores, em caminho differente d'aquelle que teem seguido para exercerem «explorações tão acerbas»—tão indigno de homens do commercio, que sempre devem dar exemplos de civilização e de honra—e terão dado satisfação áquelles que, como nós, querem vêr trabalhar com recompensa, e nunca trabalhar para no fim da obra vir a exploração ridicula saquear os humildes!

Tem-nos *O Caixeiro* a seu lado, com a nossa solidariedade de camaradas empenhados no triumpho da justiça:—e tendo-nos ao seu lado o bello semanario de caixeiros, a seu lado nos teem tambem os explorados da casa do «Ideal» e a classe de Lisboa, a quem cumpre a defeza dos seus camaradas.

Anniversario

Com este numero, entra *A Fraternidade* no 3.º anno de publicação.

A vida d'este jornal, a sua orientação e o seu modo de proceder perante a classe que representa, são do conhecimento de todos. E basta dizer isto para se dizer tudo quanto poderia referir-se a este jornal.

Simplemente desejamos que o novo anno seja mais isento de *calotes!*

O descanso

Não fallamos n'este assumpto, porque, por certo, alguém mais auctorizado que nós, a elle fará referencia. Só diremos que a lei, assim como está...—não satisfaz bem.

Mas antes ella venha assim, do que esperarmos mais tempo por ella.

Inauguração

No dia seguinte ao da publicação d'esta folha, deve estar em festa a Associação dos operarios de Barcellos, inaugurando-se solememente.

Por nossa parte, desde agora felicitamos os operarios, incitando-os a que não deixem de fortalecer a sua Associação, sempre que possam, porque ha de ser por ella que hão de conseguir a melhoria de situação.

Jotta.

Abertura das aulas

Abriam no dia 16 todos os lycens do reino, como tambem a Universidade.

Acabou por agora, a folga da rapaziada academica.

Relatorio

Publicamos a seguir o relatorio com que o sr. dr. Carlos Lopes fez acompanhar o projecto de lei do descanso semanal, apresentado na sessão de 3 do corrente, da camara dos deputados:

O descanso semanal é um direito dos que trabalham

Senhores: Todo o homem que trabalha tem deveres e direitos imprescriptiveis. Para que cumpra consciante e livremente os primeiros, precisa que lhe respeitem os segundos.

De todos os direitos que lhe assi tem, o que mais digno de attenção se me apresenta n'este momento, é o descanso semanal, tão necessario á sua intelligencia como á sua saude e desenvolvimento physico.

O homem não é uma machina, e, quando o fósse, reclamava como ella os maiores cuidados, sempre que se obriga a um excesso de trabalho, e a supressão temporaria do exercicio para a boa regularisação do seu funcionamento.

A comparação absoluta do homem á machina industrial perdeu o seu character axiomático na moderna accepção physiologica da vida: o problema é á luz das hodiernas theorias vitales, mais vasto e mais complexo.

Nos trabalhos physicos como nos trabalhos intellectuaes, ha um gasto de energia que precisa ser compensado d'uma maneira effectiva e racional. Essa compensação faz se pela boa nutrição e pela interrupção periodica e methodica do trabalho, das quaes resulta, segundo experiencias contemporaneas, mais trabalho util e productivo.

Vantagens do descanso sob o ponto de vista hygienico

Dadas as condições geraes da vida dos nossos trabalhadores, que occupam durante dias successivos as officinas n'uma promiscuidade altamente condemnavel, sob o ponto de vista hygienico, ou habitam estabelecimentos, onde a luz e o ar a custo penetram, a necessidade do descanso periodico impõe-se como uma verdade reconhecida pela hygiene, mas que tambem é uma verdade social, como já o era sob o ponto de vista dos costumes religiosos.

O dr. Muscy, dos Estados Unidos, que tem dedicado a este assumpto uma attenção particular, não hesita em afirmar que a vida dos operarios, depois da introducção do repouso hebdomadario na legislação d'aquelle paiz, augmenta em média de 7 annos em cada 50, ao mesmo tempo que a nota nas classes privadas do descanso periodico um acrescimo consideravel da sensibilidade e um cansaço, augmentando lenta e progressivamente, chega a estabelecer n'estes organismos um *surmenage* absolutamente incompativel com o trabalho, n'um periodo de tempo relativamente curto.

O descanso sob o ponto de vista social

Sob o ponto de vista social apresenta-se o problema de so-

lução tão necessaria como sob o ponto de vista hygienico. Falam a este respeito as estatisticas de Lyon, que indicam com uma clareza palpitante que os maiores frequentadores e depositarios das bolsas de trabalho e das caixas economicas são os operarios que systematicamente descansam ao domingo; como expressivas são as estatisticas inglezas das *Trades Unions*, provando á evidencia que a média de trabalho fornecido pelo homem que descansa é incomparavelmente maior do que a que ininterruptamente trabalha toda a semana.

Ainda á luz das ideias religiosas o descanso semanal se impõe, desde largo tempo, e, apesar d'isso, no nosso paiz, tradicionalmente catholico, o descanso do domingo tem sido desrespeitado.

A riqueza publica e o descanso semanal

O nosso operariado, o empregado dos estabelecimentos commerciaes do nosso paiz, o assalariado em geral trabalha e vive sob uma errada pressão, rebelde á concessão do descanso semanal, quando hoje está provado que nos paizes praticos e em que o trabalho regular e methodisado é um facto primacial das riquezas, o descanso em nada influe sobre os capitales, que antes augmentam progressivamente desde que ao trabalhador se facultou essa salutar e justa medida physiologica e social. Basta attender ao que Macaulay diz em nome da poderosa Inglaterra:

«Os inglezes não são mais pobres com a lei do descanso semanal, antes são mais ricos. O dia de repouso não é um dia perdido. Quando o trabalho cessa, quando a charrua descansa nas terras, quando a bolsa fica silenciosa e a chaminé da fabrica deixa de fumegar, faz-se uma operação tão importante para a riqueza nacional como a que se produz com o trabalho constante dos outros dias; um homem, a machina das machinas, descansando, refaz as suas forças e volta ao trabalho no dia seguinte com a intelligencia mais viva, a alma mais corajosa e o corpo mais vigoroso.

Necessidade inadiavel do descanso

Por todas estas considerações e por outras, que seria ocioso relatar-vos e que á vossa esclarecida intelligencia de certo não escapam, torna-se d'uma necessidade inadiavel para o homem que trabalha a concessão do descanso semanal.

O dia escolhido de preferencia para o descanso referido é o domingo, e assim deve ser. O descanso ao domingo constitue um direito familiar dos que trabalham. N'uma sociedade como a nossa não haveria vida religiosa, vida de familia, nem distracções, escolhendo outro dia para a realisção do repouso hebdomadario.

Esta determinação arrasta, é certo, algumas alterações na vida particular da nossa sociedade, mas a mudança lenta dos habitos trará, em pouco tempo, o convencimento de que o ho-

mem que trabalha precisa tambem do domingo, como aquelles que só vivem das riquezas. A Suissa, a Alemanha, a Suecia, a Austria, a Noruega e recentemente a França, legislando sobre o descanso semanal deram ao domingo a preferencia.

No nosso paiz, o criterio tem de ser o mesmo, embora casos particulares, dependentes da natureza especial de determinadas emprezas ou estabelecimentos e condições especiaes de algumas localidades, casos que interessam vivamente o publico, tenham de fazer derivar para outro dia o descanso semanal a que tem direito todos os elementos do trabalho.

Julga ter adduzido em favor do descanso semanal; provas e argumentos mais do que convincentes e nem tantos eram precisos para vos fazer despertar em favor de um problema que pela sua importancia e grandezza social mereceu a Gladstone a classificação do «problema popular por excellencia».

Inutilidade dos esforços isolados — Só uma lei resolverá o problema do descanso

Póde, porém, n'um esforço vehemente e n'uma lucta honesta, o caixeiro ou o operario, o marçano ou o assalariado trabalhar com denodo pela sua dignidade social; póde, com o mais ardente interesse, dedicar-se á justiça da sua causa, póde esta apresentar-se ao mundo commercial e industrial como uma verdade assente, como um direito indiscutivel: o que é certo é que todos esses esforços, todas essas luctas não foram até hoje efficaes para o estabelecimento de um accordo que satisfizesse ás classes trabalhadoras essa ambição tão nobre e quanto é justa.

Desde 1897 que as classes dos empregados do commercio de Lisboa e Porto, animados pelas suas congeneres das diferentes pontos do paiz trabalham com o mais elogioso interesse para alcançarem o descanso semanal.

D'essa intemerata lucta que os levou a recorrer ao parlamento do seu paiz por mais de uma vez, resultou-lhes a convicção de que só uma lei obrigatoria do descanso poderá publicamente resolver o problema a que, com tão acrisolado amor, se dedica esta classe, que por ser uma das que mais concorre para a riqueza nacional, por isso merece a consideração dos poderes publicos.

Acompanhando entusiasticamente esse sympathico movimento, tenho a honra de, em nome do direito que assiste ás classes trabalhadoras do meu paiz, vir submeter á vossa esclarecida apreciação o seguinte: (Segue-se o projecto de lei).

Notas trimensaes

Agradecendo

Ao nosso presado confrade *O Caixeiro*, agradecemos as palavras que em seu ultimo numero nos dirige e a transcripção que fez da nossa *N. da R.*, ao artigo que d'elle transcrevemos em nosso penultimo numero; e repetimos a nossa solidariedade ao presado collega e caixeiros

da capital, na brilhante campanha eucetada contra as prepotencias e abusos de que não são victimas o pessoal da *Casa do Ideal*.

E' preciso acabar-se com o poder abusivo e intolerante d'aquelles que, tendo sido caixeiros, se julgam hoje no direito de avassallar e explorar os escravos do balcão.

Para diante, fazendo conquistas e expulsando da sociedade os corruptores da boa ordem e da honestidade, é que nós devemos caminhar!

Armazens Grandella

D'esta importante casa commercial de Lisboa, recebemos ha dias um cathalogo geral das novidades para inverno, que vem profundamente illustrado com gravuras demonstrativas das novidades, em vestidos e fatos, proprios para aquella estação d'inverno.

Agradecemos.

Eça de Queiroz

Os nossos prestimosos collegas da Povoia de Varzim, *A Propaganda* e o *Commercio da Povoia de Varzim*, publicaram numeros especiaes, com esplendida collaboração, dedicados á inauguração da lapide commemorativa na casa onde nasceu o igregio e talentoso escriptor Eça de Queiroz.

«Germinal»

Apesar de desde ha muito tempo termos enviado á respectiva redacção a nossa folha, só agora recebemos este presado collega de Setubal, bem redigido semanario que se dedica á defeza dos opprimidos.

Heliodoro Salgado

Falleceu ha dias em Lisboa este distincto escriptor, jornalista energico e cheio de talento, que por tantas vezes defendeu os interesses dos opprimidos e os interesses da nossa Patria.

Os seus funeraes foram uma manifestação grandiosa de pesar, em que se fizeram representar os mais bellos ornamentos do jornalismo e da democracia portugueza.

O nosso pesar aos seus amigos e á familia enlutada.

Eugenia F. Bana

Em Lisboa, falleceu a menina de 9 annos, Eugenia Ferreira Bana, filha do nosso presado assignante e antigo combatente na causa dos empregados commerciaes, sr. Antonio Bana, a quem endereçamos a expressão do nosso sentimento.

Conde de Agro-longo

Veio na ultima segunda-eira a esta villa o nobre titular e grande benemerito das casas de beneficencia d'esta villa, sr. Conde de Agro-longo, acompanhado do seu particular amigo sr. Manoel Maria do Valle.

Na estação do caminho de ferro, o nobre titular era esperado por muitas pessoas e pelas direcções das Associações dos Empregados no Commercio e Quatro Artes de construcção civil (com bandeiras) recolhimento do Menino Deus, etc.

S. Ex.^a pediu para que não

houvessem manifestações, o que se cumpriu.

O illustre titular é muito querido dos habitantes d'esta terra, que, sempre que tem occasião, lhe manifestam o seu jubilo, ao vê-lo dentro de Barcellos.

Charadas & Enygmas

Não recebemos do respectivo director para este numero a secção das *Charadas & Enygmas!* Porque seria?

Estimamos que não seja por motivo de doença.

Notas ligeiras

O nosso prezado collaborador *Arthur*, tem-se esquecido da nossa folha com as suas apreciaveis *Notas ligeiras*. Esperamos que para o proximo numero elle se não esqueça de nós.

Erratas

No artigo—*Impressões*—publicado no ultimo numero d'este jornal, entre outras grafias, sabiram as seguintes:

Como controversia dos, por controversia aos; e estes e muitos outros em vez de: estes e muitos outros erros.

Litteratura escolhida

A AIA

De Eça de Queiroz

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e cearas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitaria e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar—quando um dos seus cavalleiros appareceu, com as armas rotas, negro de sangue secco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, a beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chorou anciosamente o pae que assim deixava o filhinho desamparado no meio de tantos inimigos da sua fragil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

D'esses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravo, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realleza por causa de seus thezouros, e que havia annos vivia n'um castello sobre os montes, com uma horda de rebeldes, á maneira de um lobo que, de atalaia no seu fojo, espera a presa. Ai! a presa agora era aquella criancinha, rei de mama, senhor de tantas provincias, e que dormia no seu berço com seu guizo d'ouro fechado na mão!

Ao lado d'elle outro menino dormia n'um berço. Mas este era um escravosinho, filho da bella e robusta escrava que amamentava o principe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo seio os cria-

va. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o principesinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava tambem por amor d'elle o escravosinho que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Sómente, o berço de um era magnifico e de marfim entre brocados—e o berço do outro pobre e de verga. A leal escrava porém, a ambos cercava de carinho igual, porque se um era o seu filho—o outro seria o seu re.

Nascida n'aquella casa real, ella tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correra mais sentidamente, do que o seu pelo rei morto á beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no céu. O rei seu amo, decerto já estaria agora reinando n'um outro reino, para além das nuvens, abundante tambem de cearas e cidades. O seu cavallo de batalha, as suas armas, os seus pagens, tinham subido com elle ás alturas. Os seus vassallos, que fossem morrendo, promptamente iriam, n'esse reino celeste, retomar em torno d'elle a sua vassallagem. E ella um dia, por seu turno, remontaria n'um raio de luz a habitar o palacio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas tunicas, e a accender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no céu como fora na terra, e feliz na sua servidão.

Ora uma noite, noite de silencio e escuridão, indo ella a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, á entrada dos verges reaes. Embrulhada á pressa n'um paño, atirando os cabelos para trás, escutou anciosamente. Na terra, areada entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tambando mollemente, sobre lages, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos d'armas... N'um relance tudo comprehendeu—o palacio surpreendido, o bastardo cruel viado roubar, matar o seu principe!

Então rapidamente, sem uma vacillação, uma duvida, arrebatou o principe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real que cobriu com um brocado.

Bruscamente um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu á porta da camara, entre outros que erguiam lanternas.

Entron—correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança, como se arranca uma bolsa de ouro, e abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O principe dormia no seu novo berço. A ama ficára immovel no silencio e na treva. Mas brados d'alarme atroaram de repente o palacio. Pelas janellas perpassou o longo flamejar

das tochas. Os pateos ressoavam com o bater das armas. E desgrehada, quasi nua, a rainha invadiu a camara, entre as alas, gritando pelo seu filho! Ao avistar o berço de marfim com as roupas desmanchadas, vasio, caiu sobre as lages, n'um choro, despedaçado. Então calada, muito lenta, muito pallida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O principe lá estava quieto, adormecido n'um sonho que o fazia sorrir, lhe illuminava toda a face entre os seus cabelos d'ouro. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro, como cae um corpo morto. E n'esse instante um novo clamor abalou a galeria de marmore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triumpho. O bastardo morrerá! colhido, ao fugir, entre o palacio e a cidadella, esmagado pela forte legião de archeiros, succumbira, elle e vinte da sua horda, e o seu corpo lá ficára, com flechas no flanco, n'uma poga de sangue.

Mas ail dôr sem nome! O corposinho tenro do principe lá ficára tambem envolto n'um manto já frio, róxo ainda das mãos ferozes que o tinham esmagado!... Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens d'armas—quando a rainha deslumbrada, com lágrimas entre risos ergueu nos braços para lh'o mostrar, o principe que despertára. Foi um espanto, uma acclamação.

Quem o salvará? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vasio, muda e hirta, aquella que o salvará! Serva sublimemente leal! fôra ella que, para conservar a vida ao seu principe, mandára á morte o seu filho...

Então, só então a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extatica, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E de entre aquella multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente acclamação, com supplicas de que fosse recompensada magnificamente a serva admiravel que salvará a rei e o reino. Mas como? que bolsas d'ouro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ella fosse levada ao thesoiro real, e escolhesse d'entre essas riquezas, que eram como as maiores dos maiores thesoiros da India, todas as que a seu desejo appetecesse...

A rainha tomou a mão da serva. E sem que a sua face de marmore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como n'um sonho, ella foi assim conduzida para a camara dos thesoiros.

Senhores, aias, homens d'armas seguiam n'um respeito tão commovido que apenas se ouvia o roçar das sandalias nas lages. As espessas portas do thesoiro rodaram lentamente. E, quando um servo destrancou as janellas, a luz da madrugada, já clara e rosea, entrando pelos gradeamentos de ferro, accendeu um maravilhoso e faiscante incendio d'ouro e pedrarias! Do chão de rocha até ás sombrias abobodas, por toda a camara, reluziam, scintillavam, refulgiam os esculos d'ouro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de perolas, todas as riquezas d'aquelle reino, accumuladas por cem reis durante vinte seculos.

Um longo *ah!* lento e maravilhado, passou por toda a turba que emmudecera. Depois houve um silencio, ancioso. E no meio da camara, envolta na refulgencia preciosa, a ama não se movia... apenas os seus olhos, brilhantes e seccos, se tinham erguido para aquella côa que, além das grades, se tingia de rosa e de ouro. Era lá, n'esse céu fresco de madrugada, que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava de certo, e procurava o seu peito!... Então a ama sorriu e estendeu a mão.

Todos seguiam, sem respirar, aquella lento mover da sua mão aberta. Que joia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ella escolher? A ama estendia a mão—e sobre um escabello ao lado, entre um molho de arvoas, agarrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma provincia.

Agarrára o punhal, e com elle apertado fortemente na mão, apontado para o céu, onde subiam os primeiros raios do sol, encarou a rainha, a multidão e gritou:—Salvei o meu principe, e agora—vou dar de mamar ao meu filho! E cravou o punhal no coração.

Marco postal

F. R. C. J.—Sabbadim (Arcos) —Principiamos com o presente numero a cumprir as suas ordens, que muito agradecemos.

A. F.—Arcos—Recebamos sua prezada carta de 26 do p. p.; e, respondendo á sua pergunta, temos a dizer-lhe que aceitamos e publicamos quizesquer escriptos que estejam de harmonia com o artigo—*O caminho futuro*—publicado no n.º 34 deste jornal.

"A FRATERNDADE"

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ed. no 1.º